

livro liberado
"A Ditadura dos Cartéis", livro do industrial Kurt Rudolf Mirrow, foi liberado ontem pelo Ministério da Justiça, que havia solicitado o enquadramento do autor na Lei de Segurança Nacional. O pedido foi rejeitado esta semana pelo Superior Tribunal Militar.

O. Engato
"Os Emigrados", de Mrozek, terá hoje duas sessões, no Teatro Carlos Gomes: às 19h e 21h30m. Direção de Ipojuca Pontes, com Rubens Corrêa e Sebastião Vasconcelos. Ingressos a Cr\$ 30,00 (cadeiras laterais), Cr\$ 60,00 (poltronas), Cr\$ 400,00 (camarote lateral) e Cr\$ 500,00 (camarote frontal).

BR.TRES.C.146
30

Ipojuca Pontes:

"A classe média aprende no teatro o que a TV não pode mostrar"

Entrevista a Sérgio Escovedo

Ipojuca Pontes é um homem de cinema. A direção de "Os Emigrados", de Mrozek, marca sua estréia no teatro, e aconteceu devido a uma identidade com o tema da peça. Paraibano, Ipojuca sempre se preocupou com a temática da emigração, especialmente a dos nordestinos, e fez filmes que abordam de uma forma ou de outra o problema: "Homens e Caranguejos" foi seu documentário mais aplaudido e há poucos meses ele concluiu as filmagens de "Canudos", que vai representar o Brasil no Festival de Cannes deste ano.

Mrozek, eu conhecia como espectador de algumas peças que estavam

mais ligadas ao teatro do absurdo, a análise sem limites da alma humana, num contexto menos comprometido com a realidade. Exatamente por isso, demorei a ler "Os Emigrados", mas logo verifiquei que ela incursionava pelo amplo terreno do teatro psicológico e realista. Verifiquei também que era uma peça que falava de emigrantes, de pessoas que tentam a vida na cidade grande, de um lado, e de outro, constatei sua atualidade do ponto de vista político, porque coloca na ordem do dia o problema da liberdade de expressão, o problema da anistia política, o problema do banimento, a dor humana em terras estrangeiras. Então, eu resolvi encenar "Os

Emigrados".

Essa posição, que se pode chamar de sinceridade, ou idealismo, marca seu trabalho como criador. Mas de qualquer modo, a mudança de uma linguagem para outra, não só em alcance, mas em possibilidades de analisar determinado tema, fez a entrevista enfocar basicamente o problema da linguagem teatral, apesar da insistência de Ipojuca em defender seu ponto de vista, contrário a discussões formais. Para ele, o teatro é a expressão da razão e da emoção humana através da palavra, através do ator, na qual o que importa efetivamente é o conteúdo imutável das angústias humanas. A entrevista é esta:



Ipojuca Pontes: diretor de "Os Emigrados"

Ipojuca, você acha que a intenção de Mrozek, ao optar por uma peça onde dois personagens mantêm um diálogo, uma estrutura simples em termos cênicos, foi para valorizar a forma teatral, como uma espécie de resposta a linguagens cada vez mais tecnológicas e alienantes? Você acha que a forma teatral permanecerá futuramente?

Ipojuca Pontes - Não concordo contigo quando você diz que o que fica é a forma. Eu acho que é o conteúdo que permanece. Há toda uma dramaturgia sedimentada através dos séculos, que vem de Shakespeare, até Molière, por exemplo, que expressa sua verdade no conteúdo. Aborda determinado tema, fixa o tema, analisa e, dependendo da qualidade do dramaturgo, com prospeção, com tal profundidade, que ele prevalece ao longo de vários séculos. Toda a obra shakespeariana é bem uma evidência disso. Mrozek não foge a essa perspectiva. Evidentemente que ele é um dramaturgo que para chegar ao teatro realista, ao teatro psicológico, isto é, a um teatro que não tem mais experiências formais, ele amadureceu ao longo de 8 peças. Então, as experiências formais que este autor tinha que fazer, as fez, e bem. Eu definiria "Os Emigrados" como uma espécie de funil, em que Mrozek trabalhou vários anos. E aí que eu acho que o teatro encontra sua verdadeira expressão e sua verdadeira grandeza. No meu entender, o teatro é o exercício da razão e da emoção humanas através da palavra humana defendida por atores. Portanto, dentro dessa perspectiva, o que importa é a discussão, o conteúdo disso dentro de uma forma dramática que venha a estimular a percepção e reflexão por parte do público. Mrozek é autor que domina a carpintaria teatral com extrema riqueza, extrema simplicidade ao mesmo tempo. Então ele se serve, no caso específico de "Os Emigrados" de uma noite de fim de ano, justamente um ano que se acaba, isto é, ele acha que está se acabando um estágio de sociedade e há a perspectiva de um novo estágio, mais aberto, mais humano, mais verdadeiro. Então, a partir do simbolismo de uma noite de fim de ano, ele põe dois emigrados num país estrangeiro, frio, um excessivamente inteligente, teórico, outro absolutamente materialista e um tanto bronco, mas objetivo e densamente humano. E faz com que estes dois arquétipos se confrontem e se engrandecem e se diminuem um diante do outro, frente a problemas universais. Volto a dizer, problemas da miséria humana, a dor, a alegria, a liberdade humana, problemas políticos, o embrutecimento do homem no trabalho, o salário, a angústia. Então, esse dramaturgo se serve da palavra, dos símbolos humanos mais claros e ricos - chega ao ponto de colocar em cena uma festa de fim de ano, não existe convenção maior - e de tudo isso resulta um duelo verbal, dramático.

Como você concilia este conceito aristocrático. Eu acho que esse conceito é até circense... Mas o circo acabou.

IP - Não. O circo não acabou. Acho que sua maneira de ser foi incorporada a uma série de outros veículos, aí sim, tecnologicamente melhor aparelhados. Quando você vê um musical, uma revista, na televisão, eles estão exatamente se aproveitando da linguagem circense. Então, existem diversos caminhos. Evidentemente, o circo como instituição anda por baixo, o que é uma lástima. Mas você encontra no circo todo o fundamento de uma arte aristocrática, mas nem por isso é uma arte aristocrática. Acho que o teatro tradicional tem muito mais condições hoje do que o teatro que discute for-



Sebastião Vasconcelos: o operário materialista

teatrais que datam de séculos atrás, nas quais conseguiu maior grandeza que com suas teorias teatrais. O teatro é um organismo vivo, como o ser humano: você pode se expressar agora pelo jornalismo, amanhã procurar o cinema, ou, mesmo mudo, procurar se comunicar. Em suma, não se pode bitorar o trabalho do dramaturgo a uma forma.

Como você concilia este conceito aristocrático. Eu acho que esse conceito é até circense... Mas o circo acabou.

IP - Não. O circo não acabou. Acho que sua maneira de ser foi incorporada a uma série de outros veículos, aí sim, tecnologicamente melhor aparelhados. Quando você vê um musical, uma revista, na televisão, eles estão exatamente se aproveitando da linguagem circense. Então, existem diversos caminhos. Evidentemente, o circo como instituição anda por baixo, o que é uma lástima. Mas você encontra no circo todo o fundamento de uma arte aristocrática, mas nem por isso é uma arte aristocrática. Acho que o teatro tradicional tem muito mais condições hoje do que o teatro que discute for-



No palco, um duelo extraordinariamente humano

mas, a maioria dos espectadores não está preparada para ver discussões de linguagem. Você vê, por exemplo, o cinema novo, quando teve condições econômicas, aprimorou o sentido do espetáculo, da história bem contada, da crítica bem formulada. Cineastas da "nouvelle vague", como Godard, desapareceram, porque a discussão deles era elitista. Quando você põe em discussão a linguagem, você fecha o círculo para a discussão dos problemas humanos. Acho que só estudantes de comunicação ou de artes têm interesse em aprofundar debates sobre linguagem. Dentro desse nível, é que existe hoje toda uma dramaturgia brasileira que se preocupa em discutir apenas o conteúdo. E me parece que é a dramaturgia que tem sido mais contestada pela censura, tais como a de Plínio Marcos, Vianinha, Paulo Pontes, Chico Buarque. Eles procuram condicionar suas denúncias dentro do que o teatro já conquistou como forma de expressão clássica e tradicional.

Quando falei de aristocracia, não me refiro a um espectador, mas a uma cidade de mais de 5 milhões de habitantes. Um público cujo meio de comunicação a respeito do teatro, segundo pesquisas sérias, é a conversa, a opinião, que se espalha quase de ouvido a ouvido. Então, o que eu quero saber é o seguinte: quando se discute problemas populares para uma classe que não está interessada em resolvê-los, ou que lava as mãos, é aí que eu coloco o problema da linguagem. A diferença entre um teatro que na Grécia atingiu toda a comunidade, com esse que se pratica hoje. Aí acho importante discutir linguagem. O "Fantástico" da TV Globo, atinge 20 milhões de pessoas, o teatro 40 mil.

IP - Sim, é claro. O teatro, como qualquer expressão da cultura, tem seus problemas. Evidentemente, como é formulado hoje no Brasil, o teatro, o mínimo que você pode dizer, é que, se ele não é de elite, também não é democrático, porque trata a sua estrutura econômica, mesmo com o patrimonialismo estatal, ela tem certos mecanismos que impedem o homem do povo de frequentar o teatro. Isso é realmente um problema sério, não só do teatro brasileiro, mas em todo o mundo. Não acho correto dizer que a classe média, a que vai ao teatro, precisa de uma informação de linguagem. Porque a essa mesma classe média que tem condições políticas de entender este país, políticas e culturais, de entender a crítica social, política, econômica, dentro do que se pode fazer, chegar a um maior aprofundamento na discussão de uma problema lógico, econômico e político. Infelizmente, no momento em que estamos, essa discussão só pode chegar à classe média. Desta forma, um circo sua missão, que é a de criticar, emocionando, conscientizando, através da própria grandeza do teatro, que é expressar, no palco, com o ator, a tragédia, a grandeza, os problemas do homem. Acho importante sensibilizar essa grande parcela da classe média, que devido a massificação, ao colonialismo cultural, importação do peças e filmes que nada têm a ver com nossa realidade, está afimosa a essas realidades que nos são próximas e que devem ser debatidas no teatro. Daí, uma peça como "Os Emigrados" tem sido recebida com tanto entusiasmo no Rio. E por isso eu a escolhi, porque ela expressa minhas preocupações como ser humano, como realizador.

Já que o teatro tem esse alcance limitado, por que você acha que a Censura se preocupa tanto com o teatro. E adoram censurar teatro.

IP - A Censura hoje é produto de toda uma estrutura política que se estratificou. Essa estrutura política, por mais que se queira, não é democrática. Nem todas as verdades podem ser ditas, a toda hora é de um modo direto, nos tipos de verdade interessam ao governo. Então, a censura é nada mais nada menos que a expressão dessa posição e dessa vontade. A censura não é um organismo independente. Acho que o fato do teatro ser uma atividade independente implica num maior cuidado da máquina do governo, o que não acontece tanto com o jornal, uma emissora de televisão. Estes fazem autocensura. E de modo geral abordam os problemas com mais superficialidade, enquanto o teatro aprofunda a discussão.

Neste caso, você aceitaria um critério econômico da Censura. Isto é, ela agiria mais em função de uma questão econômica de pernochiachadas, para quem o fustigamento econômico da indústria cinematográfica é uma saída, a médio prazo, dos problemas que esta atividade enfrenta. Seria o caso de se fundar um Teatobrás ou coisa parecida?

IP - Evidentemente, para qualquer máquina teatral, o melhor não é ter dissidência: ela prefere que todos pensem de uma maneira padronizada. Ocorre que a experiência humana, ela se projeta e evolui através dos conflitos. Existe o teatro de pensamento, que indaga, mas existe também o que serve apenas de diversão, não chega a ser um veículo de expressão da dor humana. Um o outro são conspurcados, de uma forma difícil de definir, porque por vezes a Censura é uma coisa inexplicável. No fundo ela é a tentativa de harmonizar os pensamentos e as inquietações sociais com as tendências oficiais de determinado governo. Me parece que não cedo, mesmo nas sociedades mais abertas, como nos Estados Unidos, se chegará a um ponto de acabar com essa censura de força. Eu não poderia justificar, evidentemente a censura.

Você não acha "subversiva" uma peça que faça o homem pensar?

IP - Não. Eu não acho subversivo fazer pensar, porque o ato de pensar é humano, a gente aprende desde criança. (Rindo). Então é de admitir que um negócio que você aprende desde cedo não seja uma subversão. Ao contrário, é de extrema normalidade. Anormal é proibir o homem de pensar.

É claro que eu estava fazendo uma "blague". Mas uma coisa que me impressionou na crítica foi essa insistência no fato de que "Os Emigrados" exige uma atenção incrível, ao contrário de muitas peças em moda.

IP - A crítica tem razão. É por isso que eu digo que uma certa informação ajuda a compreender o texto. Você descobre que um dos personagens, o intelectual, tem toda um raciocínio político que percorre o século XIX, vai do extremo liberalismo ao fascismo. Para quem conhece ciências políticas, será uma oportunidade de acompanhar todo o desenvolvimento do pensamento ocidental. O operário, por sua vez, discute toda a relação com o trabalho, processos de produção, que percorre toda a escala do progresso humano, desde o trabalho primitivo até o atual estágio. Discute-se a mais valia, a escravidão, o salário. Então as pessoas com condições culturais, poderão fazer um tipo de leitura mais rica, enquanto o que não for dotado destes conhecimentos, vai se ligar mais ao problema humano dos personagens. A grandeza do texto está justamente nisso, a de permitir, segundo a qualidade do espectador, chegar a esses problemas transhistóricos, sem deixar de atingir a todas as camadas. Isso tem-se verificado nas apresentações de "Os Emigrados" em diversas cidades?

IP - Sim, principalmente o conteúdo humano. Eu até sugeri que a peça fosse apresentada a operários, com descontos, que a muitos pode parecer um ato demagógico. E vai ver que é. Mas realmente, no Rio, o operário não foi. A maioria do público era formada de estudantes, profissionais liberais.

Por que você, um cineasta, aceitou fazer "Os Emigrados"?

IP - É uma coisa curiosa. Eu sou conhecido no cinema brasileiro como documentarista, filmes que procuram, especialmente no Nordeste, abordar os problemas do homem brasileiro. Foi através dessa visão que fiz muitos filmes: "Homens e Caranguejos" é bem um representante desse tipo de cinema. Eu também fiz outros filmes sobre rejeições, a política popular, e recentemente terminei meu primeiro documentário longamétrico, que é "Canudos", que vai agora concorrer ao Festival de Cannes, um dos três filmes brasileiros no festival. Ao mesmo tempo eu estava fazendo um filme, no qual a Teressa Rachel era uma das atrizes. Um filme que abordava exatamente o problema da emigração interna, o do pau de arara nas cidades. Não o que chega, mas o que volta. Então foi uma coincidência: meu filme abordava o mesmo tema de "Emigrados". Essa afinidade foi compreendida por Teressa Rachel, que me convidou para ser diretor. Apesar de minha experiência como produtor de peças, "Um te é meu primeiro trabalho como diretor, o que me serviu para acabar com certos preconceitos que eu mantinha a respeito do alcance e da mensagem teatral.